

Vazios

A partida prematura de André Bradford deixou chocados todos os que o conheciam.

Não me atrevo a referir ao sofrimento da família, ao que hoje vive, ao que continuará a experimentar ao longo da vida no sentimento do vazio da ausência, mais tarde provavelmente tentando-o disfarçar, persistindo no espaço privado e íntimo. Porque em família é-se mesmo insubstituível.

A tristeza dos amigos, colegas e mesmo dos apenas conhecidos que o estimavam, vai encontrando conforto na partilha de emoções como no recordar de histórias. Também o meu pensamento tem regressado a um dos encontros que tive com o André Bradford e que, por razões aqui irrelevantes, me marcou... Mas muitos, muitos mais açorianos, mesmo os que possam ser anónimos nesta relação, sentiram incredulidade, perplexidade, desgosto, revolta e frustração, num desabafo tão sincero quanto desajustado de que foi profundamente injusto. É uma homenagem silenciosa que estas minhas palavras não interrompem, mas pretendem reforçar.

O silêncio do vazio não é unicamente afectivo. Há também um silêncio político que vai gritar sempre que os Açores precisarem de uma voz no Parlamento Europeu e – acreditem-me – será quase todos os dias... A Região tinha obviamente toda a esperança e confiança depositada no euro-deputado que o André Bradford (para além de filho, irmão, marido, pai, amigo) também era. Era também o nosso representante no Parlamento Europeu. Era legítimo tudo esperar dele, sobretudo depois da decisão do PSD em não contemplar os Açores nas suas listas ao Parlamento Europeu – uma decisão que considero estrategicamente errada, além de pouco informada sobre a especificidade dos Açores, como Região ultra-periférica autónoma. Foi oportuna a intervenção de Mota Amaral sublinhando como, nestas circunstâncias trágicas, se reforçava a exigência de um círculo eleitoral próprio.

Nas circunstâncias actuais, e estritamente no plano político, urge reduzir o vazio da ausência através de um reforço efectivo, plenamente assumido, do gabinete dos Açores em Bruxelas. Quem tem experiência europeia sabe que uma única pessoa (como actualmente), por mais competente e empenhada que seja, não tem capacidade para acompanhar a política europeia no que esta tem de impacto directo e indirecto na Região, menos possibilidade tem de influenciar as políticas sectoriais de interesse para os Açores na sua fase inicial, quando ainda estão a ser formuladas, sendo então mais permeáveis às alterações a que os lóbis pressionam. O reforço da presença dos Açores no Parlamento Europeu, através do seu Gabinete em Bruxelas, não deixaria de ser também uma forma de homenagem política a quem estava comprometido com esta missão até antes de ser eurodeputado.

M. Patrão Neves

www.mpatraoneves.pt